

# GRUPOS OPERATIVOS: UMA EXPERIÊNCIA PSICOTERAPÊUTICA EM CAPS

**Gislaine Aparecida Marutti<sup>1</sup>; Juliana de Oliveira Coelho Silva<sup>1</sup>; Maurício Mendonça Junior<sup>1</sup>; Tatiani Solis Peres<sup>1</sup>; Thalita de Oliveira Soares<sup>1</sup>; Sandra Diamante<sup>2</sup>.**

**RESUMO:** O presente trabalho descreve e estuda as vivências do estágio realizado no Centro de Apoio Psicossocial, da cidade de Marialva – PR. Os objetivos deste estágio foram promover o contato com a realidade psicossocial comunitária e a construção de grupos operativos, instrumento de ações terapêuticas transformadoras, sentidas como necessárias pelos próprios usuários e pelos facilitadores destes grupos. Tais ações visaram o desenvolvimento de recursos criativos para a retomada e manutenção da autonomia e da subjetividade através do exercício de escolhas, tomada de decisões e operatividade atuação por parte dos usuários, da instituição e dos estagiários. A metodologia do trabalho foi baseada na metodologia dos grupos operativos de Pichon-Revier, partindo da linha teórica de sustentação, a Psicanálise. Os grupos foram formados segundo a condição mórbida dos participantes, em média quinze usuários, que se encontravam semanalmente no período de março a setembro de 2008. Para a efetivação dos grupos operativos foram fornecidos materiais não-estruturados e recursos didáticos, para criar condições de intercâmbio de idéias e buscar um objetivo comum através da criação de uma tarefa grupal. No fechamento de cada grupo operativo buscava-se integrar os conteúdos comuns numa construção de sentidos grupais. Este trabalho abrangeu três níveis de resultado, sendo eles as mudanças interrelacionais dos usuários, a mobilização das relações de trabalho dos funcionários da instituição com os usuários e estagiários; bem como, o aprendizado dos estagiários.

**Palavras chaves:** CAPS; Grupo Operativo; Mudanças Interpessoais.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho se efetivou a partir do Estágio Supervisionado em Saúde Mental e Práticas na Comunidade, realizado no ano letivo de 2008, como disciplina do quinto ano da formação de psicólogo do curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR). Ele constituiu uma etapa fundamental do processo de formação ética, teórica e profissional do estudante, pois o insere num

---

<sup>1</sup> Discentes do Curso de Psicologia – Centro Universitário de Maringá – PR. g\_marutti@yahoo.com.br; juju\_ocs@hotmail.com; mediori@hotmail.com; tatyperes@hotmail.com; tha\_oc@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Psicologia – Centro Universitário de Maringá – PR. sdiamante@cesumar.br.

contexto de trabalho real, promotor de aplicação e desenvolvimento profissional e de frustrações não menos desafiadoras e edificantes. O estágio, portanto, ajudou na construção de uma atitude pertinente à realidade histórico-social contemporânea, ou seja, na realização e manutenção de um trabalho com comprometimento e responsabilidade social pela reflexão, crítica e busca de transformação de realidades.

O caráter reflexivo e transformador de posturas, segundo a visão de homem, das relações sociais e de mundo estão pautados nas teorias e práticas do Movimento Antimanicomial. Este movimento é um pensamento crítico e uma prática alicerçada no fato de que excesso de medicação e internações reiteradas funciona de modo a produzir mais doença do que saúde mental; isto é, o paciente isolado do mundo externo, sedado e aprisionado em um contexto doentio, tem sua doença acentuada e geralmente cronicada, perdendo a autonomia sobre sua vida e estado mental.

A doença, entendida restritamente como tal, continua a ser rotulada como algo a ser abstraído da vida e da sociedade. A Luta Antimanicomial refere-se, portanto, a considerar o fato de que a sociedade contemporânea ainda não consegue encarar o sofrimento como processo inerente à construção da vida humana. Dentro dos movimentos sociais que constroem a Reforma Psiquiátrica Brasileira diversos profissionais, trabalhadores de saúde de áreas diferentes, pesquisadores, tentam conscientizar as autoridades e a sociedade como um todo de que o contexto de internação psiquiátrica é desumano e, pela visão antimanicomial, consiste em crime contra a cidadania. No Brasil, infelizmente, há um atraso em relação à Europa e aos Estados Unidos, segundo RIBEIRO (2003). Eles já há muito tempo iniciaram um processo de desospitalização. No nosso país, a despeito das conquistas já legitimadas pela legislação, em determinados contextos, ocorre ainda o crescimento no número de leitos nos hospitais psiquiátricos. E a realidade do hospital psiquiátrico, como se pode verificar junto aos usuários que passaram por internação, produz a cronicidade do sofrimento psicológico. Neste contexto a rede de Serviços Substitutivos em Saúde Mental visa produzir a assistência e a reinserção do paciente na vida social. A Luta Antimanicomial, por sua vez, busca a expansão deste trabalho e das mudanças nas teorias e práticas pelas transformações da visão da doença mental.

De acordo com LEÃO & BARROS (2008), os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são considerados dispositivos estratégicos para a mudança de modelo de atenção em Saúde Mental. Sendo assim, estes centros buscam compreender como ocorrem as práticas de inclusão social voltadas para as pessoas com a experiência do sofrimento psíquico, considerado um importante avanço no processo da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Sabe-se que se faz necessário nos CAPS a reinvenção da clínica como construção de novos espaços simbólicos para as diferentes subjetividades, responsabilizando-se com o sofrimento de sujeitos através de um paradigma centrado em um cuidar humano, solidário e na (re) construção da cidadania, conforme AMARANTE (2001) define.

A instituição concedente foi o Centro de Apoio Psicossocial (CAPS), da cidade de Marialva – PR. Ele oferece assistência para pessoas portadoras de

sofrimento psíquico severo, funcionando como um novo espaço de atenção à saúde mental, ancorado nos princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira e que busca desenvolver o ser humano através de práticas permeadas por vínculos afetivos e cuidados profissionais. São oferecidas oficinas terapêuticas, como confecção de cestas, crochê, outros artesanatos, acompanhamento medicamentoso e atendimento psicológico. A equipe é composta por um total de 11 (onze) profissionais, sendo três psicólogas, uma delas também coordenadora do Centro, uma enfermeira e uma auxiliar de enfermagem, três professoras ou instrutoras de atividades ocupacionais, uma cozinheira e, desde o fim do primeiro semestre de 2008, um médico psiquiatra. Ao todo são atendidos 90 (noventa) usuários, portadores de diversas enfermidades psíquicas e sociais.

Os objetivos do trabalho deste estágio foram promover o contato com a realidade psicossocial comunitária e a construção de grupos operativos, instrumento de ações terapêuticas transformadoras, sentidas como necessárias pelos próprios usuários e pelos facilitadores destes grupos. Tais ações visaram o desenvolvimento de recursos criativos para a retomada e manutenção da autonomia e da subjetividade, através do exercício de escolhas, tomada de decisões e operatividade atuação por parte dos usuários, da instituição e dos estagiários.

## **METODOLOGIA**

A metodologia do presente trabalho foi baseada na teoria dos grupos operativos de Pichon-Revier, tendo como linha teórica de sustentação, a Psicanálise. Os grupos foram formados segundo a condição mórbida dos participantes, em média quinze usuários, homens e mulheres a partir da idade 16 (dezesesseis) anos, frequentadores do Centro de Apoio Psicossocial da cidade de Marialva – PR.

Os encontros ocorreram semanalmente às terças-feiras, das 13:00 hs às 15:30 hs, no período de março a setembro de 2008. Os cinco alunos atuaram como facilitadores do grupo operativo, com o objetivo de dinamizar o processo, na medida em que criavam condições de comunicação e auxiliavam o grupo a elaborar os obstáculos que emergiam na realização dos grupos. Optou-se por não discutir as características da patologia de cada usuário, a fim de priorizar a abordagem dos aspectos saudáveis da personalidade de cada integrante do grupo. Para a efetivação dos grupos operativos foram fornecidos materiais não-estruturados, como: tinta, lápis de cor, papel, sucata, glitter, miçangas, adesivos, argila, madeira, etc., com o objetivo de fornecer subsídios para a realização de um trabalho produtivo em grupo. Além disso, foram utilizados recursos didáticos como TV, vídeo, som, violão, quadros, material esportivo, jogos lúdicos e livros para auxiliar no desenvolvimento do trabalho.

Inicialmente, o grupo foi dividido em dois subgrupos, a partir de uma dinâmica de integração, como alternativa de trabalhar eficazmente com todos os usuários. Posteriormente, a pedido dos usuários, os dois subgrupos foram unidos. No primeiro momento da realização dos grupos operativos, emergiam obstáculos e resistências, gerando ansiedade e medo no grupo do que seria produzido. A esse fenômeno deu-

se o nome de pré-tarefa, uma vez que se realizaram tarefas com o objetivo de criar condições de intercâmbio de idéias e buscar um objetivo comum, o que acaba por gerar insatisfação e ansiedade entre os integrantes do grupo. Cada integrante interagia a partir de suas próprias necessidades, e o processo de compartilhar essas necessidades em torno de um objetivo comum constitui a tarefa grupal. No fechamento de cada grupo operativo buscava-se integrar os conteúdos comuns numa construção de sentidos grupais. Emergiam na discussão dos grupos as seguintes unidades temáticas: a revolta e o inconformismo no enfrentamento da doença; a dependência dos medicamentos; a consciência sobre os riscos de complicações advindas da não-adesão ao tratamento da doença; as diferenças físicas e psicológicas com os ditos “normais”; o sofrimento psíquico das internações psiquiátricas; a dificuldade de trabalhar em grupo, etc.

## **RESULTADOS**

Este trabalho abrangeu três níveis de resultado, sendo eles as mudanças interrelacionais dos usuários, a mobilização das relações de trabalho dos funcionários da instituição com os usuários e estagiários, bem como o aprendizado dos estagiários. Através dos grupos operativos, foram feitas reflexões com o intuito de promover mudanças, por meio do manejo das diferenças individuais, focalizado aspectos saudáveis de cada usuário. Os resultados junto aos pacientes foram mudanças de algumas condutas estereotipadas que promoveram melhoras na comunicação, desenvolvimento de autonomia, aumento na capacidade de expressar idéias e desejos, estreitamento dos vínculos afetivos, desenvolvimento de trabalho em equipe e auto-conhecimento sobre aspectos da personalidade. As transformações citadas acima revelaram resultados terapêuticos, possibilitando a expressão da subjetividade de cada usuário, sem reprimi-la e nem negá-la, bem como o desenvolvimento de habilidade e aspectos cognitivos para aprendizagem, a medida que não se visava julgamentos sobre o que estava certo ou errado, permitindo maior liberdade de expressão.

Sendo a instituição ainda pautada em um trabalho individualizado, os grupos operativos contribuíram para que fossem revistos modos de comunicação e relacionamento dos funcionários da instituição com os usuários. Um exemplo disso é o fato de que os funcionários estão tentando manter o modelo de trabalho desenvolvido no estágio, após sua conclusão. Isso exige novas formas de comunicação e um novo olhar para a subjetividade e ação que faz parte da realidade da instituição. No entanto, algumas necessidades de mudanças que já foram identificadas, ainda demandam atenção e transformação.

Em relação aos estagiários, os resultados se deram ao nível de aprofundamento do aprendizado da metodologia proposta pelos grupos operativos, em que foi percebido que todos formavam um só terapeuta. A importância de formar um só terapeuta foi tão necessária quanto a diluição desse único terapeuta no grupo, para permitir a mobilização de conteúdos transferenciais e contratransferenciais, onde cada terapeuta era alvo de determinadas partes provindas dos usuários. A não-familiarização com o método e com a inexperiência do trabalho com os usuários da rede de Saúde Mental gerou a princípio uma

ansiedade inicial que no decorrer do trabalho foi superada, permitindo uma maior facilidade de interação com os usuários. Além disso, este trabalho permitiu vivenciar as propostas da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial, o que promoveu uma reflexão e uma visão crítica da concepção da loucura, tão presente em cada pessoa, pois ainda vigente na sociedade contemporânea.

## **CONCLUSÃO**

Com este trabalho conclui-se que a proposta da Reforma Psiquiátrica pode e deve acontecer, apesar de não ser fácil a aplicabilidade de seus princípios, pois percebe-se que a sociedade ainda não está totalmente adequada a essa proposta. Em relação ao estágio apresentado, trabalhou-se com um enfoque nas potencialidades e habilidades dos usuários enquanto seres humanos. Vale ressaltar que no início do trabalho houve insegurança e ansiedade por parte dos estagiários, pelo fato de não estarem familiarizados com a metodologia do grupo operativo. Porém, após algumas experiências, pode-se realizar o trabalho, tendo como resultado o desenvolvimento e crescimento pessoal e grupal dos usuários e também dos estagiários. Com isso vê-se a necessidade da continuação desse estágio nesta instituição, tanto pelo fato de trabalhar com os profissionais da instituição, quanto pelos usuários. A experiência que se obteve neste estágio, mostra que todos os seres humanos são capazes, todos têm suas potencialidades, que por vezes acabam ficando escondidas e não trabalhadas, mas com a valorização humana ela floresce e renasce.

## **REFERÊNCIAS**

Amarante, P. D. de C. & Torre, E. H. G. *A Constituição de Novas Práticas no Campo da Atenção Psicossocial: análise de dois projetos pioneiros na Reforma Psiquiátrica no Brasil*. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 58, p. 26-34, maio/ago. 2001

Leão, A.; Barros, S. As representações sociais dos profissionais de saúde mental acerca do modelo de atenção e as possibilidades de inclusão social. *Revista: Saúde e Sociedade*. *Saúde soc.* vol.17 no.1 São Paulo Jan./Mar. 28

Ribeiro, M. B. S. *Estudo de características familiares de usuários de uma associação civil para reabilitação psicossocial*. Botucatu: 2003.